

Hortifruti Brasil

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 16 - Nº 177 - Abril de 2018 - ISSN 1931-1837

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



PEQUENOS MERCADOS

Agora é a vez da abóbora, abobrinha, beterraba, caqui, coco, pepino e pêsego



Faça parte da nossa #LISTAHF no WhatsApp!

Vídeo novo toda quarta!

Saiba mais na página 4



MÍLDIO? REQUEIMA? REVUS OPTI.

**PROTEGE
SUA LAVOURA,
FAÇA CHUVA
OU FAÇA SOL.**

- Duplo modo de ação.
- Maior praticidade.
- Resistência à chuva.



Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso a saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br



 **Revus Opti**[®]

syngenta.

SETE NOVAS OPORTUNIDADES PARA INCREMENTAR SEU NEGÓCIO



Fernanda Geraldini (esq.), Laís Marcomini, Marcela Barbieri e Mariane Novais são as autoras da matéria sobre pequenos mercados.

Nesta edição, levantamos informações com produtores sobre outras sete frutas e hortaliças ainda não pesquisadas continuamente pela nossa equipe: abóbora, abobrinha, beterraba, caqui, coco, pepino e pêssego. Atualmente, acompanhamos o mercado de 13 culturas, mas a demanda dos leitores pela pesqui-

sa permanente de outros hortifrúteis é grande! Dessa forma, desde o lançamento da Revista, em 2002, buscamos ampliar as culturas levantadas mensalmente, sobretudo as com poucas informações agrônômicas e econômicas disponíveis. Na edição de setembro do ano passado, outras oito culturas foram destaques (abacate, abacaxi, alho, batata-doce, goiaba, maracujá, morango, pimentão e repolho). Assim, se juntarmos todos esses hortifrúctícolas (os 13 acompanhados pela equipe, as selecionadas na edição de setembro de 2017 e as outras sete da presente edição), estes representam quase 87% do volume de HF's comercializado nas ceasas nacionais – tomou-se como base os dados do Programa de Modernização do Mercado Hortifrutigranjeiro (Prohort). Todas elas podem ser boas alternativas para diversificar a produção. Assim, leia nas próximas páginas a dinâmica de produção e, principalmente, os principais desafios e oportunidades de cada uma das sete culturas escolhidas para esta edição. Quem sabe alguma delas não podem entrar para o ser portfólio?

FAÇA PARTE DA NOSSA #LISTAHF NO WHATSAPP!

Quer receber toda quarta-feira os vídeos da HF Brasil pelo WhatsApp? Então veja como participar da #LISTAHF!



Obs: Seu número não será exposto e também não será incluído em nenhum grupo de discussão do WhatsApp.



Brasileiros retomam consumo de itens "deixados de lado" nos últimos anos

Aos poucos, os brasileiros estão retomando os hábitos de consumo "deixados de lado" nos últimos anos – período em que substituíram (ou mesmo eliminaram) produtos da lista de compras por outros mais baratos. Uma pesquisa da *Kantar Worldpanel*, empresa especializada em análise do comportamento dos compradores, revela que, com a diminuição da inflação e a ligeira reação do mercado de trabalho no País, itens como batata congelada, manteiga, requeijão e azeite voltaram para as cestas de compras dos consumidores em 2017. Segundo a pesquisa, as compras da batata congelada, por exemplo, registraram crescimento de 2,7% no ano passado – os dados se referem aos 12 meses terminados em novembro de 2017 frente ao mesmo período de 2016. Um estudo da **Hortifruti Brasil** sobre o setor de batata no País, publicado na edição de outubro de 2017, indica que, para o varejo (supermercados em geral), a perspectiva é de faturamento positivo nos próximos anos, tanto para a batata congelada como para o segmento de *chips*. Segundo a *Euromonitor*, o segmento do produto congelado nos supermercados deve alcançar R\$ 600 milhões em 2021, alta de 16% sobre 2017.



Ao integrar sistema da OCDE, Brasil pode ter novos acordos comerciais

A aprovação do Brasil no Sistema de Aplicação de Padrões Internacionais de Frutas e Hortalças, da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), pode render novos acordos comerciais ao País. A candidatura para integrar o sistema, que abrange padrões de classificação e controle da qualidade, foi aprovada em dezembro de 2017 – sendo que o Brasil participava, como observador, desde 2014. A entidade, composta por 35 países, foi criada para facilitar o comércio internacional, por meio da conformidade em termos de implementação e interpretação de padrões de mercado. Assim, há um conseqüente reconhecimento mútuo dos sistemas de inspeção dos países participantes. Em nota à imprensa, o assessor técnico da Comissão Nacional de Fruticultura da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), Eduardo Brandão, informou que "o Brasil é o primeiro país da América Latina a ser aceito nesse sistema, que possibilitará a melhoria da padronização e inspeção de frutas e hortalças e a abertura de novos mercados".



Empresa vende cestas de hortifrúti feios

A cada ano, cerca de 1,3 bilhão de toneladas de comida é desperdiçada ou se perde no decorrer das cadeias produtivas de alimentos, segundo a FAO. E mais! Entre 20% e 40% dos alimentos colhidos anualmente são descartados antes mesmo de chegar ao consumidor, devido a um único motivo: não atender aos padrões estéticos exigidos. Assim, pensando em reduzir o desperdício de produtos considerados "feios" (seja pelo tamanho, deformações ou problemas na coloração), uma empresa de comércio eletrônico norte-americana passou a entregar em 2017 cestas destes alimentos diretamente nas casas dos clientes em cidades da costa oeste dos Estados Unidos e em Chicago. Ofertando hortifrúti com defeitos a preços até 50% inferiores aos praticados no mercado, a empresa *Imperfect* adquire produtos diretamente de agricultores locais. A *Imperfect* trabalha, ainda, em conjunto com diversas organizações comunitárias que lutam pela redução do desperdício. Assim, por meio de uma única estratégia, a empresa impulsiona o consumo saudável, apoia a agricultura local, colabora para o combate ao desperdício e, ainda, permite que os consumidores economizem.

HF Brasil por aí



Leticia Julião, do Cepea, mostra as principais projeções em 2018 para o setor de HF.

Equipe participa de evento da PMA

A equipe da HF Brasil participou, no dia 27 de março, do primeiro evento anual da PMA: Café da Manhã – Bate-papo com o setor, em São Paulo (SP). No encontro, a pesquisadora de frutas do Hortifruti/Cepea, Leticia Julião, ministrou palestra intitulada "Perspectivas para o mercado de HF – 2018/19", em que abordou a retrospectiva de 2017 para o setor de frutas e hortalças, as perspectivas para 2018 e, ainda, as principais tendências de consumo que podem movimentar o segmento.

Qual tendência pode “pegar” no consumo de HF’s?



Dentre as tendências citadas na matéria, acho que a de conveniência e praticidade é que pode “pegar”. Devido à falta de tempo, alimentos já processados facilitam o consumo.

Willian Krause – Tangará da Serra/MT

Acho que o acompanhamento e o desenvolvimento de novas tendências de mercado são fundamentais para todos os setores de atuação, inclusive o de HF.

Aposto na valorização da produção local como uma forte tendência. Há, cada vez mais, preferência por alimentos frescos e engajamento com a comunidade em minha região. Além de facilitar o acesso a alimentos frescos, essa modalidade barateia a logística. A prefeitura da cidade é uma das incentivadoras desta prática, com as feiras do produtor.

Lilian Mendes – Curitiba/PR

CAPA 08



Nesta edição mostramos o potencial de mercado de outras sete culturas que podem ajudar o produtor a diversificar seu negócio: abóbora, abobrinha, beterraba, caqui, coco, pepino e pêssego.

FÓRUM 31

Marcelo Zanetti, da PepsiCo, fala sobre o mercado e as oportunidades da água de coco no Brasil.

SEÇÕES

TOMATE		14
CEBOLA		16
BATATA		17
ALFACE		18
CENOURA		20
MELÃO		21
UVA		22
MAÇÃ		24
MANGA		25
MELANCIA		26
CITROS		28
MAMÃO		29
BANANA		30

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA-Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleo, Leticia Julião, Fernanda Geraldini Palmieri e Marina Marangon Moreira

Editora Executiva:

Daiana Braga MTB: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Alessandra da Paz MTB: 49.148

Revisão:

Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Nádia Zanirato e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:

Ana Beatriz de Salles Roselino, Beatriz Papa Casagrande, Caio Vinícius Piton Torquato, Caroline Ribeiro, Fernanda Geraldini Palmieri, Gabriel Pacheco de Carvalho Oliveira, Heitor Araujo Cintra Inácio, Henrique Sarmento Aires, Isabela Fernanda Luiz, Laís Ribeiro da Silva Marcomini, Laleska Rossi Moda, Lavínia da Cunha Canto Morais, Lenise Andresa Molena, Livia Rebeca Luz da Silva, Marcela Guastalli Barbieri, Mariana Coutinho Silva e Mariane Novais Olegário de Souza

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@cepea.org.br
www.hfbrasil.org.br

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Interessante a matéria, aponta caminhos. Porém, gostaria que também estivesse associada a perspectivas para a inserção de agricultores familiares que adotam boas práticas de produção. Acredito que devemos ter mais valorização da produção local, pois são a base para o desenvolvimento do setor.

Darlan Rodrigo Marchesi – Criciúma/SC

Aposto na tendência do comer consciente. O consumidor está cada vez mais focado no alimento saudável, menos tóxico, com menos açúcar e gor-

duras e interessado em alimentos funcionais.

Ismael M. da Silva – Belém/PA

Todas as tendências selecionadas na matéria são boas apostas, mas a valorização da produção local é a que terá mais impacto no setor. Existe a tendência de maior consumo de alimento fresco e fortalecimento da comunidade local, uma vez que a competitividade do mercado será cada vez mais acirrada.

Cícero Tavares Germano – Barreiras/BA

*Valorize seu pequeno
na agricultura!*



Elisie e Ghael Pedrosa Camacam - América Dourada (BA)

Quer ver a foto do seu pequeno na revista? Então tire uma foto dele e mande para nós para o e-mail hfcepea@usp.br ou pelo WhatsApp (19) **99128.1144!**

HF BRASIL NA REDE



HF www.hfbrasil.org.br

19 99128.1144

Y Hortifruti Brasil

F @revistahortifrutibrasil

T @hfbrasil

A Av. Centenário, 1080, CEP: 13416-000, Piracicaba/SP

E hfbrasil@cepea.org.br

Hortifruti Brasil no WhatsApp



A **Hortifruti Brasil** está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região!

Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 **99128.1144** ✓✓

Claudio Valio Correa - Pilar do Sul (SP)



Flávio Vieira da Silva - Santarém (PA)

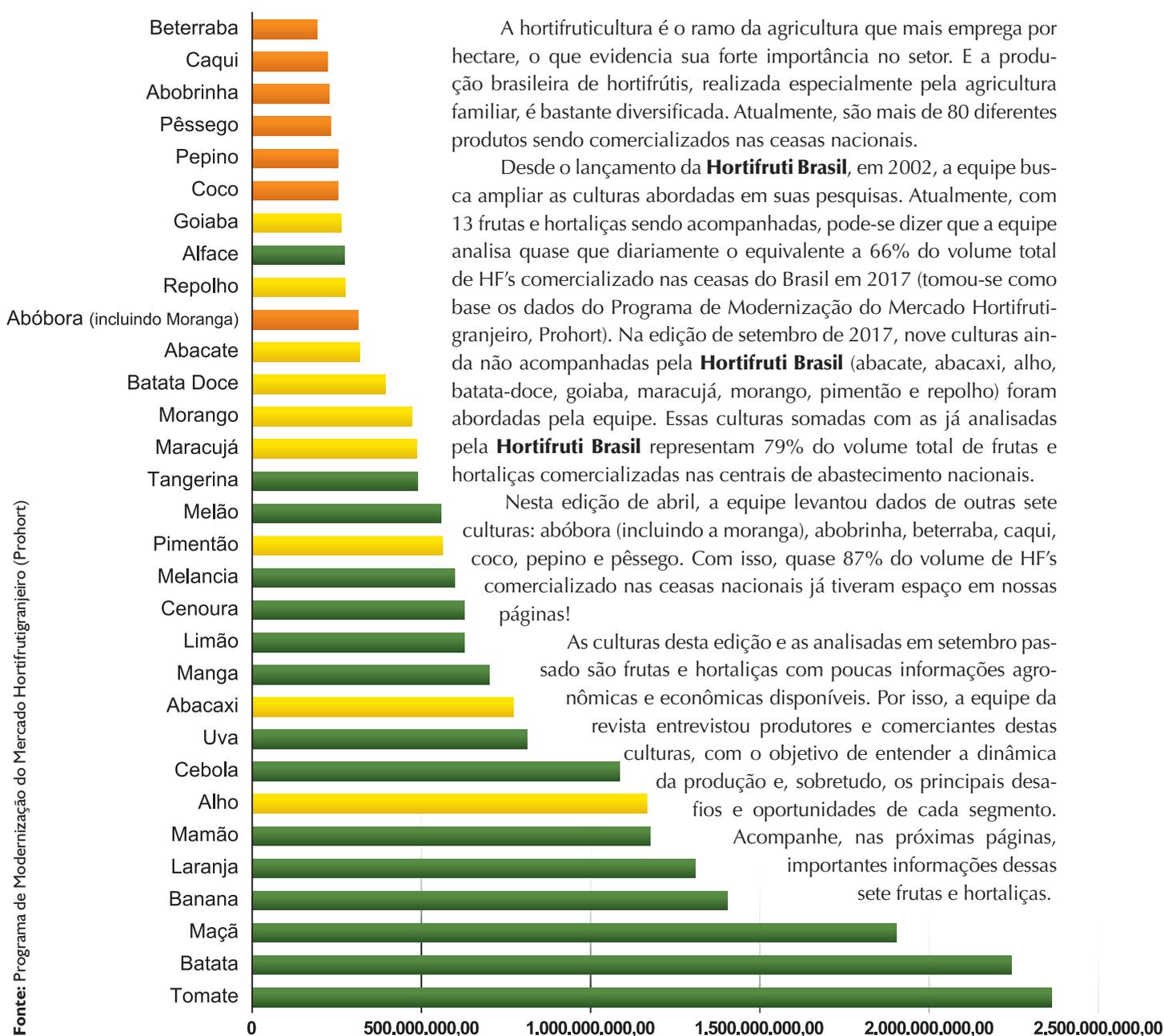


PEQUENOS MERCADOS,

Agora é a vez da abóbora, abobrinha,

OS PRINCIPAIS HF'S TÊM FATURAMENTO DE R\$ 22 BILHÕES

Ranking dos hortifrúts – faturamento em milhões de R\$ dos principais HF's nas ceasas do Brasil – valor médio do período de 2015-2017



A hortifruticultura é o ramo da agricultura que mais emprega por hectare, o que evidencia sua forte importância no setor. E a produção brasileira de hortifrúts, realizada especialmente pela agricultura familiar, é bastante diversificada. Atualmente, são mais de 80 diferentes produtos sendo comercializados nas ceasas nacionais.

Desde o lançamento da **Hortifruti Brasil**, em 2002, a equipe busca ampliar as culturas abordadas em suas pesquisas. Atualmente, com 13 frutas e hortaliças sendo acompanhadas, pode-se dizer que a equipe analisa quase que diariamente o equivalente a 66% do volume total de HF's comercializado nas ceasas do Brasil em 2017 (tomou-se como base os dados do Programa de Modernização do Mercado Hortifrutigranjeiro, Prohort). Na edição de setembro de 2017, nove culturas ainda não acompanhadas pela **Hortifruti Brasil** (abacate, abacaxi, alho, batata-doce, goiaba, maracujá, morango, pimentão e repolho) foram abordadas pela equipe. Essas culturas somadas com as já analisadas pela **Hortifruti Brasil** representam 79% do volume total de frutas e hortaliças comercializadas nas centrais de abastecimento nacionais.

Nesta edição de abril, a equipe levantou dados de outras sete culturas: abóbora (incluindo a moranga), abobrinha, beterraba, caqui, coco, pepino e pêssego. Com isso, quase 87% do volume de HF's comercializado nas ceasas nacionais já tiveram espaço em nossas páginas!

As culturas desta edição e as analisadas em setembro passado são frutas e hortaliças com poucas informações agrônômicas e econômicas disponíveis. Por isso, a equipe da revista entrevistou produtores e comerciantes destas culturas, com o objetivo de entender a dinâmica da produção e, sobretudo, os principais desafios e oportunidades de cada segmento. Acompanhe, nas próximas páginas, importantes informações dessas sete frutas e hortaliças.

Periodicidade de análise na Hortifruti Brasil:

■ Todas as edições ■ Edição setembro/2017 ■ Edição abril/2018

GRANDES OPORTUNIDADES

beterraba, caqui, coco, pepino e pêssigo



► CAQUI

Principais estados produtores: SP, RS e MG totalizam 86% do volume total comercializado no País (Prohort).

Principais variedades: Rama forte, taubatê, giombo, fuyu e kyoto.

Do campo à mesa: Colheita de 4 a 5 anos após o plantio, no caso de mudas enxertadas. A vida útil após a colheita varia de 5 a 15 dias, dependendo da temperatura durante o armazenamento.

Calendário de colheita: De janeiro a maio em todas as regiões produtoras.

Clima ideal: Subtropical, com temperaturas mais amenas e volumes significativos de precipitações no período de desenvolvimento dos frutos. Em algumas regiões se faz necessária a irrigação.

REGIÕES E CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO: O plantio é realizado por mudas e o manejo exige apenas cuidados básicos, como o controle de daninhas, pragas e doenças. A colheita ocorre de janeiro a maio nas três regiões, o que minimiza a necessidade de irrigação, já que o desenvolvimento dos frutos ocorre em meses de índices pluviométricos mais elevados. Assim, o manejo do caqui é considerado pouco trabalhoso por produtores.

RENTABILIDADE: O caqui é considerado uma cultura rentável, apesar de variar bastante. Pesa sobre a rentabilidade o fato de a cultura ter um calendário de colheita bastante restrito e, por isso, pode ter os resultados negativamente impactados em casos de aumento nos plantios ou em anos de supersafra. Além disso, o fato de ser uma fruta de comércio basicamente nacional (devido à sua perecibilidade), não há mercado externo para auxiliar no escoamento do excesso de oferta.

DESAFIOS: Entre os principais desafios da produção de caqui está o tempo da formação de pomar, que é relativamente longo (de 4 a 5 anos) e o curto período de comercialização após a colheita. Como o tempo de prateleira é relativamente baixo, há necessidade de climatização das frutas e também de um bom desempenho logístico para diminuir as perdas.

OPORTUNIDADES: O manejo relativamente simples é uma oportunidade de produção, já que a utilização de defensivos é baixa e os tratamentos culturais são básicos. Seria interessante aumentar as opções de industrialização, já que permitiria escoar as frutas fora do padrão de qualidade, além de contribuir para um maior controle da oferta no mercado de mesa.

VOCÊ SABIA? As variedades rama forte e taubatê possuem a polpa mais mole e maior quantidade de taninos, o que pode causar a sensação de adstringência quando consumidas mais verdes. Por isso, devem ser consumidas mais maduras!



► PÊSSEGO

Principais estados produtores: RS e SP, com 77% do total comercializado nacionalmente (Prohort).

Principais variedades: Douradão, BRS kampai, cheripá e chimarrita.

Do campo à mesa: 2 a 4 anos após o plantio colhem-se as primeiras safras.

Calendário de colheita: De setembro a janeiro (começa antes em SP, e termina depois nas praças do Sul).

Clima ideal: Frio ou ameno, com possibilidade de produzir sem irrigação.

REGIÕES E CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO: A produção de pêssigo é concentrada em poucos estados, principalmente pela necessidade de clima frio.

RENTABILIDADE: A atividade é considerada de alto risco e, portanto, pode oferecer anos de alta rentabilidade e anos de prejuízos significativos. A atividade tem atraído poucos novos entrantes, já que a concorrência com a fruta importada limita a procura pelos pêssigos nacionais.

DESAFIOS: Concorrer com a fruta importada é, com certeza, o principal desafio. Por ser uma fruta bastante sensível, também tem curta vida útil e é muito suscetível a adversidades climáticas (granizo, por exemplo). Inclusive, alguns produtores já têm adotado coberturas para a pro-

teção dos pomares.

OPORTUNIDADES: Em um mercado em que a fruta importada é tão presente, a realização de parcerias para a venda dos produtos pode ser uma boa aposta. Outra oportunidade seria a produção da fruta fora do período de pico de oferta. Para isso, há constante busca por variedades precoces ou que estendam a produção até março.

VOCÊ SABIA? As principais origens dos pêssigos importados comercializados nas ceasas do Brasil (disponibilizados pelo Prohort) são Espanha (com 70% do total) e Chile (com 20%). O principal período de entrada do produto importado é nas proximidades do final do ano, quando a demanda normalmente se eleva.

▶ ABOBRINHA



Principais estados produtores: SP, MG, RJ, PR e GO, com 92% do total comercializado nas ceasas (Prohort).

Principais variedades: Italiana e brasileira.

Do campo à mesa: O ciclo de desenvolvimento da hortalíça é de 40 a 50 dias.

Calendário de colheita: Pode ser produzida o ano todo.

Clima ideal: ameno, de temperado a subtropical, com necessidade de irrigação.

REGIÕES E CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO: A produção de abobrinha é bem pulverizada por sua adaptabilidade a uma grande faixa de climas. Na região Sul do País, mais fria, a produção é encontrada majoritariamente de agosto até março. Nesta região, a colheita pode ser um pouco mais demorada, de 60 até 75 dias. Em climas quentes, o plantio não tem início determinado, podendo ocorrer em qualquer mês, e tem ciclo de produção de 40 a 50 dias. De modo geral, a cultura pede climas amenos, visto que o frio costuma atrapalhar o desenvolvimento.

RENTABILIDADE: A abobrinha costuma ser rentável ao produtor, já que o cultivo não tem custo elevado. É também uma alternativa na rotação de culturas, principalmente com tomate. Porém, exige solos com boa drenagem e a realização de correções na acidez. Além disso, é comum a prática de desbaste, retirando as folhas em excesso, e a colheita bem pontual (quando a hortalíça está com 20 a 25 cm), aumentando gastos com mão de obra. Em compensação, destaca-se sua boa aceitação no mercado, por conta das diversas possibilidades culinárias.

DESAFIOS: Ainda que o manejo não seja custoso, as sementes são consideradas caras, dependendo da variedade, e o solo precisa ser bem preparado. As informações de manejo, por sua vez, ainda são restritas, e a qualidade pode variar muito.

OPORTUNIDADES: O controle biológico de pragas é possível na cultura da abobrinha, auxiliando na venda de produtos mais naturais e reduzindo os custos. Além disso, a popularização de uma alimentação mais saudável tem incluído a abobrinha numa maior gama de receitas, aumentando a possibilidade de consumo.

VOCÊ SABIA? A abobrinha é uma hortalíça considerada leve e o seu consumo é bastante indicado, uma vez que tem fácil digestão e boa composição nutricional. É queridinha em dietas “low carb” (baixo carboidrato), em receitas como macarrão e lasanha. Tem a capacidade de amenizar enjoos (principalmente na gravidez) e auxiliar no equilíbrio intestinal, já que mais de 90% de sua composição é água.

▶ BETERRABA



Principais estados produtores: SP, MG, PR, BA e GO, com 87% do total comercializado (Prohort).

Principais variedades: Híbridas, como boro e ferry morse.

Do campo à mesa: Colheita entre 60 a 70 dias após o plantio via semeadura direta e entre 90 a 100 dias para cultivo via mudas. Após colhida, pode durar até seis meses em câmara fria.

Calendário de colheita: Apesar de poder ser produzido durante todo o ano, a colheita se intensifica entre junho e setembro (período de clima mais ameno).

Clima ideal: Desenvolve-se melhor sob temperaturas baixas (outono e inverno). Não tolera temperaturas e umidade muito elevadas, mas resiste a geadas. Quando cultivada no verão, problemas de qualidade e incidência de doenças podem ser observados, devido às elevadas temperaturas e a maior presença de chuvas.

REGIÕES E CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO: São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Bahia e Goiás respondem por cerca de 87% da comercialização nas ceasas nacionais. Os três primeiros estados têm maior produção, favorecidos pelo clima frio. O plantio geralmente ocorre por meio de sementes, que podem ser semeadas diretamente ou por produção de mudas. Os tratamentos culturais são básicos, havendo controle de plantas daninhas, pragas e doenças, e cuidados com a irrigação (indispensável para melhor qualidade).

RENTABILIDADE: A beterraba também é considerada uma cultura rentável. Pesa sobre a rentabilidade o fato de haver necessidade de clima ameno para o desenvolvimento. Contudo, devido à maior durabilidade da hortalíça, o período de comercialização é ampliado. Além disso, não há negociações com o mercado externo para auxiliar no escoamento do excesso de oferta.

DESAFIOS: Por ser uma hortalíça suscetível a adversidades

climáticas, necessitam de maiores cuidados em períodos chuvosos, que podem impactar negativamente na qualidade. Seria interessante também aumentar as opções de industrialização, já que permitiriam escoar as beterrabas fora do padrão de qualidade e contribuir no controle da oferta no mercado de mesa.

OPORTUNIDADES: A elevada durabilidade da beterraba depois de colhida é uma das oportunidades de produção, já que facilitam o estoque e a distribuição da oferta. O manejo relativamente simples também é uma oportunidade, visto que a utilização de defensivos é baixa e os tratamentos culturais são básicos.

VOCÊ SABIA? Além do crescente aumento na demanda para consumo *in natura*, pode-se observar o uso para beneficiamento nas indústrias de conservas e alimentos infantis, como corantes em sopas desidratadas, iogurtes e catchups. Indústrias de *snacks* e sucos funcionais também têm aumentado a procura pelo produto.

NÃO ELEJA PRAGAS

ihara.com.br

Não deixe os insetos governarem sua lavoura. Confirme **ELEITTO**, o novo inseticida de **amplo espectro** com **ação de choque** e **longo residual**. Especialmente desenvolvido pela IHARA para a **hortifruticultura**, **ELEITTO** coloca sua produção em primeiro lugar.



Possui registro
para 18 culturas



Pode ser aplicado via terrestre ou aérea em qualquer fase da cultura, inclusive na florada



Pode ser aplicado próximo à colheita



Multipragas



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

Eleitto

IHARA

**Agricultura
é a nossa vida**

► COCO



Principais estados produtores: BA, CE, SE, PA, PE e ES, com 81% do total produzido (IBGE).

Principais variedades: Gigante, anão e híbrida.

Do campo à mesa: A primeira colheita ocorre entre 3 e 4 anos após o plantio para a variedade anão (precoce) e entre 5 a 7 anos para a gigante. O tempo pós-colheita varia de 10 a 20 dias, dependendo do armazenamento (ambiente ou refrigerado).

Calendário de colheita: Está disponível no mercado durante todo o ano, havendo limitações apenas no inverno, quando as temperaturas mais amenas desaceleram a maturação.

Clima ideal: Necessita de altas temperaturas e umidade. Porém, uma quantidade excessiva de chuva pode ser prejudicial, reduzindo a insolação, aumentando a lixiviação dos minerais e resultando em abortamento de flores.

REGIÕES E CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO: A produção do coco é anual. O plantio, em sua maioria, é realizado por mudas, que, por sua vez, podem ser adquiridas em viveiros ou produzidas por meio de cocos-sementes. Nesta fase, cuidados devem ser tomados em relação ao preparo, como correção do solo, adubação e irrigação, visto que a cultura exige grande volume de água para seu desenvolvimento adequado.

RENTABILIDADE: Em função do crescente consumo de coco nos grandes centros urbanos, a rentabilidade unitária da cultura tem sido positiva, porém, limitada, em decorrência dos impactos da crise econômica, de entraves produtivos e da entrada de novos produtores no mercado nos últimos anos.

DESAFIOS: Um dos principais desafios é o desenvolvimento tardio dos frutos, sendo necessário maior cuidado no seu período de formação. A produção também tem sido afetada pela crise hídrica no semiárido brasileiro, que tem dificultado a irrigação e aumentado a incidência de ácaros. Como estes entraves resultaram no aumento do custo de

produção nos últimos anos, limitaram também rentabilidade do setor. Observam-se, ainda, dificuldades relacionadas aos elevados preços de vendas finais, à limitada comercialização em períodos de clima mais ameno e à menor demanda influenciada pela crise econômica.

OPORTUNIDADES: O consumo de derivados de coco vem crescendo. Apesar de a crise econômica afetar o mercado da fruta *in natura*, a presença de indústrias de água de coco e derivados assegura melhores resultados aos produtores. Além disso, quando a fruta está fora do padrão de comercialização no mercado de mesa, produtores conseguem direcionar as vendas ao setor industrial.

VOCÊ SABIA? A variedade gigante, bastante explorada pelos pequenos produtores, possui uma maior quantidade de polpa e, por isso, é muito comercializada no mercado *in natura* e na indústria de alimentos para a produção de coco ralado. Já a anão é a mais recomendada para a produção de água de coco, em virtude do sabor mais agradável da água. Apesar de seu menor rendimento, a polpa também pode ser utilizada pela indústria na produção de coco ralado.

► PEPINO



Principais estados produtores: SP, MG, RJ e GO, com 78% do total comercializado (Prohort).

Principais variedades: Caipira, verde e japonês.

Do campo à mesa: O ciclo completo é de 40 a 80 dias, dependendo da variedade e do clima.

Calendário de colheita: Predomínio no verão, mas está disponível o ano todo.

Clima ideal: Ameno, de temperado a subtropical, com necessidade de irrigação.

REGIÕES E CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO: O calendário depende da região produtora, por conta do clima. Apesar de ser bem adaptável em diversas estações, a produção mais expressiva é no verão, uma vez que o frio limita o desenvolvimento e reduz o tempo de colheita. Já o excesso de calor pode causar abortamentos. Além disso, as pragas (mosca branca e tripses) são um problema para a cultura, o que obriga produtores a realizarem o vazão sanitário – uma opção, porém, é o cultivo protegido, em estufas. É uma cultura bem exigente quanto à água, e normalmente a colheita se dá a partir de 40 dias após o semeio, podendo chegar a 80 dias, dependendo do clima.

RENTABILIDADE: A cultura mostra-se bastante rentável. Os custos não são elevados, pois muitos usam o pepino como alternativa na rotação de tomate e pimentão. O custo de adubação também é baixo, com bom retorno financeiro. Em campo aberto é mais barato produzir, mas os preços dos pepinos de estufa costumam compensar o

investimento inicial elevado. As vendas são fáceis e a colheita é simples, sem demandar muita mão de obra.

DESAFIOS: A cultura é carente em informações de manejo, e produtores afirmam que precisam ser feitas mais pesquisas quanto a variedades novas, melhorias de produtividade e de produção.

OPORTUNIDADES: Para o pepino, as oportunidades são as exportações da hortaliça em conserva. Além disso, pepinos *gourmet* têm tido boa demanda (especialmente variedades holandesas), ainda que a produção seja cara. Fora o consumo de mesa e industrial, redes de *fast-food* demandam bastante o produto.

VOCÊ SABIA? A indústria de cosméticos é uma grande compradora de pepino, já que conta com substâncias benéficas para a pele. Além de uma grande quantidade de água, ele apresenta boa concentração de minerais, ácido ascórbico (vitamina C) e caféico, que auxiliam na redução de inchaços e irritações dermatológicas.

▶ ABÓBORA

Principais estados produtores: MG, GO, SP, BA, PR e SC, com 84% do total comercializado (Prohort).

Principais variedades: Japonesa (cabotiá), paulista, moranga e maranhão.

Do campo à mesa: Colheita de 80 a 90 dias após o plantio para a abóbora cabotiá, moranga e paulista, e de 120 a 150 dias para a maranhão. O tempo de pós-colheita pode variar de 20 a 30 dias de acordo com as condições de armazenamento, exceto para a moranga, que pode ser estocada por até 60 dias – contudo, pode haver perda de massa durante a estocagem.

Calendário de colheita: Ocorre o ano todo, mas em diferentes regiões do País. Sobreretudo, as regiões Sul e Sudeste colhem de outubro a março e as do Centro-Oeste, de abril a setembro.

Clima ideal: Quente e úmido, mas chuvas concentradas podem prejudicar a qualidade e, no período de florada, podem causar abortamentos.



REGIÕES E CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO: Os principais produtores são Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Bahia, Paraná e Santa Catarina. O plantio é realizado com sementes híbridas ou mudas, sendo que as regiões ideais para o plantio são as com clima quente e úmido. É possível produzir durante o ano todo, mas é importante que o plantio e a fase de desenvolvimento não coincidam com temperaturas muito baixas e clima seco, o que diminuiria a produtividade e prolongaria o ciclo, no caso da abóbora maranhão. Suporta alta amplitude térmica, porém, as temperaturas médias ideais são de 25°C.

RENTABILIDADE: No geral, a rentabilidade é boa, mas os lucros podem variar de acordo com o período de colheita, já que o excesso de oferta pode pressionar as cotações. Contudo, a demanda tem aumentado nos últimos anos, devido às suas propriedades nutricionais. Quanto ao custo, pode oscilar muito de acordo com o manejo e a técnica de irrigação aplicada em cada região. A demanda, por sua vez, é restrita ao mercado nacional e costuma ser satisfatória, sendo que o pico é atingido no inverno.

DESAFIOS: O maior desafio é quanto à época de comercialização, sendo necessário conhecer o mercado para

obter boa rentabilidade. O alto preço do frete em algumas regiões também pode dificultar o escoamento. Além disso, o controle de pragas como a mosca branca, o manejo em situações de extremos climáticos (excesso de chuvas, por exemplo) e a dificuldade em encontrar mão de obra disponível também têm se mostrado fatores desafiadores aos produtores.

OPORTUNIDADES: A demanda pela abóbora, principalmente pela variedade japonesa (cabotiá), tem se elevado, e o retorno é relativamente rápido, visto que o ciclo é de poucos meses. Com o manejo adequado, a cultura se adapta facilmente a vários tipos de solo, e, no caso da moranga, é uma boa opção para rotação de culturas. Em boas janelas de oferta, a receita pode alcançar patamares bem superiores aos custos.

VOCÊ SABIA? A abóbora japonesa ou cabotiá deve ser plantada juntamente com outra cultivar de abóbora (como a moranga, por exemplo) para que ocorra a polinização. Isso porque as plantas híbridas possuem poucas flores masculinas e, conseqüentemente, menos pólen, sendo necessário que a polinização ocorra por meio dos grãos de pólen de outra espécie.

OS DESAFIOS SÃO GRANDES, MAS AS OPORTUNIDADES TAMBÉM!

Apesar de serem frutas e hortaliças bastante comuns na mesa dos brasileiros, as informações sobre esses produtos são escassas. Praticamente todos estes cultivos esbarram na dificuldade de acesso a conteúdos técnico, agrônomo e econômico e também a defensivos com registro.

Apesar disso, estes HF's são boas opções para produtores dos mais diversos tamanhos, desde familiares a grandes propriedades, principalmente os que buscam diversificação de atividades. Há, inclusive, a possibilidade de utilizar essas frutas e hortaliças como rotação de culturas entre elas

mesmas ou com cereais. No caso de algumas das hortaliças pesquisadas, a produção é considerada simples, de ciclo rápido e com custos relativamente competitivos, podendo ter uma rentabilidade atrativa.

Ainda assim, os desafios são muitos, já que praticamente todos esses produtos têm como foco o mercado interno e poucos têm opções de industrialização que absorvam elevadas quantidades (as exceções são o coco e o pêssego). Desta forma, parcerias e boas relações comerciais são importantes nesse setor. ■



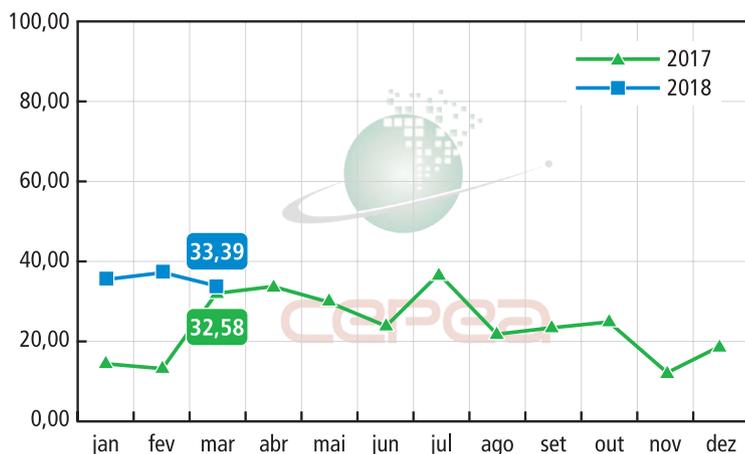
Expectativa é de rentabilidade positiva na safra de inverno 2018

Colheita da 1ª parte da temporada de inverno se intensifica

Até o final de abril, diversos municípios devem iniciar a colheita da primeira parte da safra de inverno de tomate – exceto as praças fluminenses de Itaocara (RJ) e São José de Ubá (RJ), onde as atividades estão previstas para começar em maio e junho, respectivamente. A área destinada à temporada no mês de abril totaliza 14%. A expectativa é de boa produção, uma vez que não houve grandes problemas durante o transplântio. Porém, o elevado volume de chuvas no início de 2018 aumentou a incidência de bacterioses e os gastos com fungicidas, embora tenha contribuído para reduzir algumas pragas, como a traça. Em Paty do Alferes (RJ), a produção também deve ser satisfatória. Conforme o calendário, o pico da safra de inverno deve ocorrer entre junho e julho, quando 50% da área total deve ser colhida. Nesta temporada, os investimentos na cultura foram mais modestos e a área da primeira parte da safra de inverno deve diminuir 7% frente à da primeira parte de 2017, devido aos baixos preços na maior parte do ano passado.

Até março, receita da safra de verão supera custos

A colheita da safra de verão 2017/18 deve encerrar o mês de abril com 90% da área concluída. Entre novembro/17 e março/18, o preço do tomate longa vida 2A pago ao produtor, ponderado pelo calendário de colheita, teve média de R\$ 38,40/cx, 54% acima dos custos de produção (R\$ 24,93/cx).



Preço tem ligeira queda em março

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

Embora o resultado médio desta safra tenha sido positivo até março, com alguns produtores mais capitalizados, outros encerram a temporada com saldo negativo, como alguns de Itapeva (SP) e de Venda Nova do Imigrante (ES), que concentraram a colheita no início da safra (novembro e dezembro). Há tomatocultores de Caçador (SC) que também não tiveram boa rentabilidade, devido a problemas relacionados à produtividade. De modo geral, a chuva foi o principal entrave para o bom andamento da safra de verão, sobretudo no final de 2017, ocasionando danos e perdas. Além disso, o calor em 2018 acelerou a colheita em alguns períodos da temporada, concentrando a oferta.

Safra 2017/18 de Caçador encerra mercado por problemas na produtividade

Boa parte dos produtores de Caçador (SC) encerrou a colheita da safra de verão em março, enquanto outros devem finalizar as atividades em abril. Nesta temporada, o Sul registrou chuvas e clima relativamente mais frio, que atrapalharam o transplântio e a colheita em dezembro/17 e levaram a perdas no decorrer da temporada, devido à elevada taxa de viroses e descartes. Alguns tomatocultores também tiveram problemas graves com bactérias, o que reduziu significativamente a produtividade – que, em alguns casos, foi de 180 cx/mil pés.

Produtividade de Nova Friburgo é baixa

Nova Friburgo (RJ) deve encerrar a colheita de tomates em maio. De acordo com produtores da região, chuvas vêm causando rachaduras nos frutos desde fevereiro, reduzindo a produtividade para 250 caixas/mil pés – a média da praça fluminense nos últimos anos girou em torno de 280 cx/mil pés. A qualidade, por sua vez, vem refletindo nas cotações, que variaram de R\$ 35,00 a R\$ 50,00/cx na maior parte da temporada – em fevereiro, algumas negociações chegaram a R\$ 80,00/cx, por conta da menor oferta.

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4



**Existem coisas
que ficam muito
melhores juntas.**

Bayfolan
COBRE

Chegou a inovação
que faltava para sua lavoura.

Bayfolan Cobre traz para sua lavoura os benefícios da sinergia dos aminoácidos e cobre em um único produto. Melhor eficácia nutritiva e absorção de nutrientes, deixando as plantas mais saudáveis para o máximo de resultados.

Bayfolan Cobre.
Plantas fortes e saudáveis.

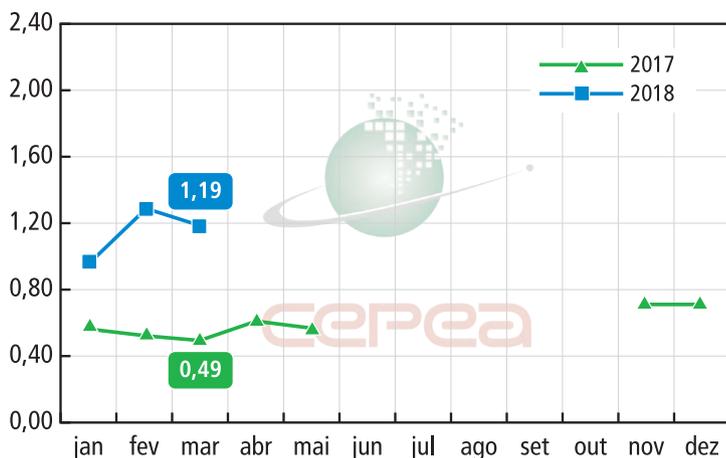




Oferta diminui no Sul, mas aumenta no NE

Comercialização em Irati e São José do Norte chega ao fim

O escoamento de cebolas da temporada 2017/18 nas regiões de Irati (PR) e São José do Norte (RS) terminou em março, com apenas 15% e 5%, respectivamente, do total da safra comercializado no mês. Contudo, o estado de Santa Catarina (praças de Ituporanga e Lebon Régis) deve seguir as negociações até o final de abril. A produtividade da temporada 2017/18 foi menor em relação à anterior. Isso porque, em 2016/17, o clima favorável resultou em maior oferta de bulbos, enquanto nesta safra (2017/18), as condições climáticas (estiagem e chuvas durante o período de plantio e o desenvolvimento dos bulbos) reduziram a produtividade para abaixo do potencial. Em São José do Norte, a produtividade média fechou em 29 t/ha (de novembro a março), 7% de queda em relação à temporada anterior. Em Irati, foi de 33,3 t/ha, diminuição de 13% no mesmo comparativo. Além disso, os preços obtidos nesta safra foram significativamente maiores do que em 2016/17, não só devido à menor produção, mas também à redução de área na maioria das regiões produtoras do Sul. A média das cotações no fechamento da temporada (novembro a março) em São José do Norte foi de R\$ 0,94/kg, valor 81% superior ao mesmo período da temporada passada. E em Irati, a média ficou em R\$ 0,86/kg, 54% acima das cotações da safra anterior. Tanto em Irati quanto em São José do Norte, a perspectiva é de manutenção da área para a próxima temporada, devido à melhor rentabilidade obtida na atual.



Importações pressionam cotações em março

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea

O calendário de colheita nessas praças não deve ter significativas alterações.

Após entressafra, colheita no Nordeste deve aumentar

A região de Irecê (BA), que permaneceu com baixo volume de cebolas entre janeiro e março (período de entressafra), pode ter maior oferta neste mês. Já no Vale do São Francisco, a disponibilidade deve ser significativa apenas a partir de maio. A safra nordestina se divide em duas partes: no primeiro semestre, que se inicia entre abril/maio e finaliza em julho, e no segundo semestre, que começa em agosto e segue até dezembro. Com o início da colheita no Nordeste, a oferta nacional pode aumentar no País, mas como o volume no Sul já tem diminuído, os preços podem se manter elevados. A área da temporada 2018, por sua vez, deve ter nova redução tanto em Irecê quanto no Vale, devido aos baixos preços no primeiro semestre de 2017 (quando houve grande concentração da colheita) e à crise hídrica.

Plantio de cebolas híbridas começa em Piedade

Os trabalhos na roça para o semeio de cebolas híbridas em Piedade (SP) se iniciam neste mês. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, por enquanto, devem ser plantados 5% do total da safra em abril, com as atividades se estendendo até julho, e o maior volume semeado deve ocorrer em junho. Já em relação à colheita em Piedade, começa em setembro e segue até dezembro, como tradicionalmente ocorre na safra de híbridas da região. A área pode recuar 22,2% nesta temporada 2018, totalizando 450 hectares plantados com cebola. O motivo da redução é a colheita em 2017 ter coincidido com o período de maior oferta do Nordeste, que tem alta produtividade e forte influência no mercado brasileiro. Desse modo, produtores paulistas não alcançaram resultados animadores para investir na cultura nesta safra. Além das híbridas, Piedade também colhe bulbinhos, cujo plantio foi finalizado no mês passado, e a colheita está prevista para maio e junho.



Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4



Ritmo da colheita da safra das águas 2017/18 começa a diminuir

Preços podem subir em abril

Com a aproximação do fim da safra das águas 2017/18, os preços da batata podem subir em abril. Embora o pico de safra ocorra neste mês em Água Doce (SC) e Guarapuava (PR), o volume colhido nessas regiões não será suficiente para suprir a redução no Cerrado e no Sul de Minas Gerais, onde a colheita começa a diminuir – no sul mineiro, inclusive, a temporada já foi praticamente encerrada. Bom Jesus (RS) é a única região que deve manter o ritmo das atividades de campo. Assim, a oferta de batatas deve ser 17% menor neste mês – apesar de a produtividade das áreas catarinense e paranaense ser maior, a do Cerrado Mineiro deve apresentar queda de 10% a 15% em abril, o que deve manter a redução do volume ofertado proporcional à redução da área colhida. Quanto aos preços, a saca de 50 quilos de batata beneficiada teve média de R\$ 49,20 em março, queda de 5% frente à de fevereiro. Essa desvalorização esteve atrelada sobretudo à manutenção de área nas principais regiões ofertantes do tubérculo em março frente à do ano passado.

Safra das secas pode ter boa produtividade no PR

O plantio da safra das secas se encerrou no Paraná em março. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, a incidência de bacterioses, fungos de solo e mosca branca tem sido um pouco maior nesta temporada, mas os casos estão sendo controlados e não devem resultar em perdas signi-

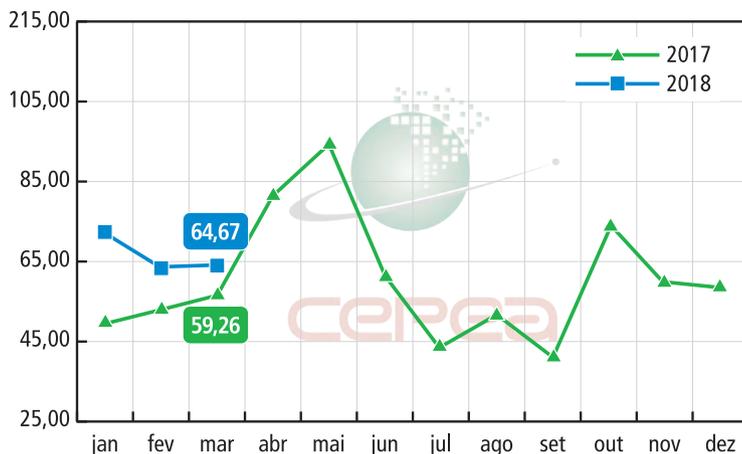
ficativas – produtores, inclusive, consideram essas ocorrências dentro da normalidade, visto que o período de desenvolvimento das batatas aconteceu em pleno verão, com temperaturas e umidade elevadas. Assim, produtores paranaenses esperam que a safra das secas tenha boa produtividade, apesar da dificuldade em investir mais na cultura, visto que a receita obtida nas três últimas safras ficou abaixo das expectativas.

Calor prejudica safra das secas no Sudoeste Paulista

As altas temperaturas registradas no mês de março prejudicaram as lavouras de batata da safra das secas no Sudoeste Paulista. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, o calor acelerou o ciclo das plantas, o que pode resultar em batatas de menor calibre, prejudicou as recém-germinadas, que são mais sensíveis a temperaturas elevadas, e comprometeu a germinação das sementes em algumas áreas. Com isso, técnicos locais acreditam que a produtividade de alguns talhões pode ser afetada. Além disso, choveu pouco na região nos últimos meses, prejudicando ainda mais as condições das lavouras. Mesmo assim, o calendário de plantio segue conforme o planejado e, até o final de março, cerca de 80% da área da safra das secas havia sido cultivada.

Produtividade do Triângulo Mineiro deve ser menor no fim da safra das águas

Desde o início da safra das águas (final de janeiro/início de fevereiro), alguns produtores do Triângulo Mineiro têm reportado problemas ocasionados pela maior incidência de nematoides, o que tem elevado o percentual de descartes de batatas – o nematoide causa danos físicos aos tubérculos, o que inviabiliza sua comercialização. No começo da temporada, o número de casos era menor, mas, em março, as ocorrências aumentaram e o controle passou a ser mais difícil. Assim, a previsão é de pelo menos 15% de perdas nos talhões que serão colhidos neste mês.



Preços ficam estáveis em março

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4



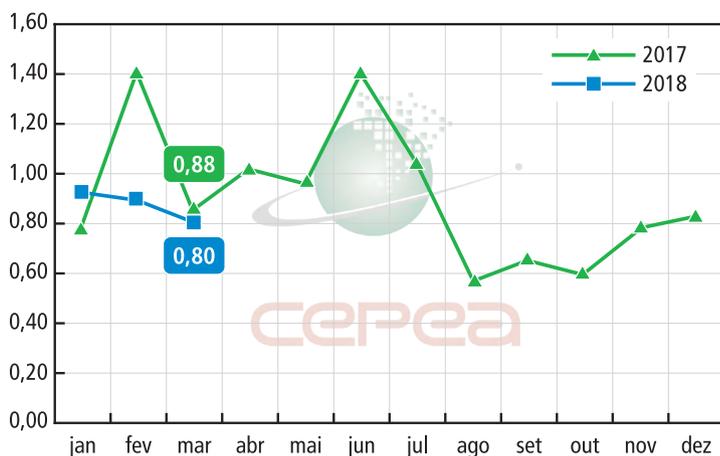
foto: Márcio L. Backes - Presidente Lucena (RS)

Clima volta a prejudicar produção em SP no fim de março

Oferta permanece elevada na região paulista

As cotações das alfaces podem seguir em baixos patamares nas regiões de Ibiúna e Mogi das Cruzes (SP) em abril. Com o início do outono (20 de março), o clima deve favorecer a produtividade das roças paulistas, já que volume de chuvas tende a diminuir. Na primeira quinzena de março, a produção foi elevada em ambas as praças, e as alfaces colhidas na primeira quinzena do mês não apresentaram problemas de qualidade, o que aumentou a oferta da folhosa. Esse cenário resultou no acúmulo da hortaliça nas roças, já que a demanda não foi suficiente para absorver toda a oferta – alguns produtores consultados pelo Hortifruti/Cepea chegaram, inclusive, a reportar perdas. As alfaces descartadas foram, principalmente, as de lotes mais antigos, visto que a aparência e a qualidade são prejudicadas com o tempo. Em Ibiúna, a crespa teve média de R\$ 7,44/cx com 20 unidades em março, queda de 26,9% frente à média de fevereiro. Com os preços em baixos patamares, o clima favorável e as perdas nas roças, parte dos produtores reduziu os tratamentos fitossanitários nas lavouras, o que favoreceu casos de queima de miolo e bactérias atrelados à chuva na segunda quinzena do mês, prejudicando a qualidade. Além disso, as precipitações também atrasaram o ciclo do desenvolvimento das folhosas, o que começou a reduzir a oferta em algumas lavouras no final do mês.

Preços podem recuar em MG



As cotações da alface podem recuar na região de Mário Campos (MG) em abril, devido ao aumento da produção e à redução da demanda, que tende a diminuir conforme as temperaturas caem. Com a redução das chuvas na segunda quinzena de março, algumas lavouras da praça mineira começaram a se recuperar, apresentando melhor qualidade. Esse cenário também permitiu a retomada do plantio, o que elevou o número de pedidos de mudas. Nos últimos meses, chuvas frequentes ocasionaram a perda de grande parte das folhosas e atrasaram o preparo da terra para receber o plantio de novas mudas em Mário Campos. Com oferta insuficiente para abastecer seu próprio mercado, a praça mineira teve de elevar as aquisições de alface de outras regiões do estado, como Caeté, além de Teresópolis (RJ) e de algumas regiões paulistas. Assim, o preço da alface crespa subiu 10,4% em Mário Campos de fevereiro para março, com média de R\$ 13,39/cx com 20 unidades no mês passado. Já a americana teve média de R\$ 13,93/cx com 12 unidades na região mineira, aumento de 13,7% na mesma comparação.

Outono e produção elevada podem pressionar cotações no atacado

Com a chegada do outono, a demanda por alfaces tende a diminuir na Ceagesp, devido à queda das temperaturas. Além disso, a oferta no atacado pode voltar a aumentar, caso haja recuperação da boa produtividade nas roças. Esse cenário pode reduzir os preços em abril. Durante a primeira quinzena de março, a oferta de alfaces estava elevada, o que aumentou a entrada de alfaces nos boxes, gerando sobras e levando a descartes. A partir da segunda quinzena, entretanto, a entrada de alfaces para comercialização se reduziu, reflexo dos problemas com o clima em parte das roças. Além disso, a qualidade caiu e o produto apresentou queima de miolo e mela em alguns boxes. Mesmo assim, o preço médio da crespa na Ceagesp caiu 10,27% de fevereiro para março, a R\$ 11,88/cx com 24 unidades no mês passado. A americana, por sua vez, teve média de R\$ 14,47/cx com 18 unidades em março, queda de 11,9% no mesmo comparativo.

Cotação da americana se reduz no atacado

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade



Fonte: Cepea

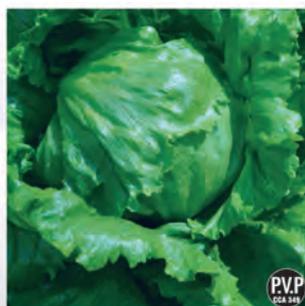
Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4



Mauren
Alface Americana



Yasmin
Alface Americana



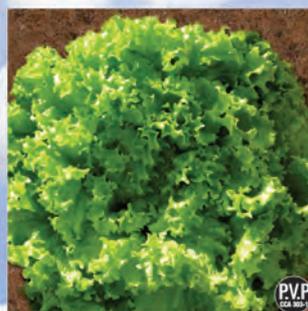
Stella
Alface Lisa



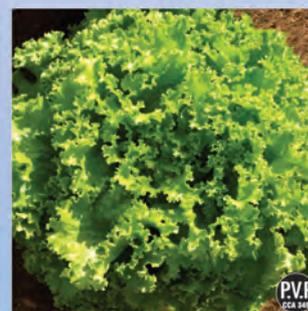
Gabriela
Alface Crespa Roxa



Veneranda
Alface Crespa Verde



Ariana
Alface Crespa Verde



Soraia
Alface Crespa Verde

**O sucesso das grandes colheitas,
nasce com a escolha de alfaces
líderes de mercado**



CALL CENTER
(54) 2109 4444



sementesfeltrin.com.br



Feltrin Sementes



@feltrinsementes

FELTRIN
SEMENTES



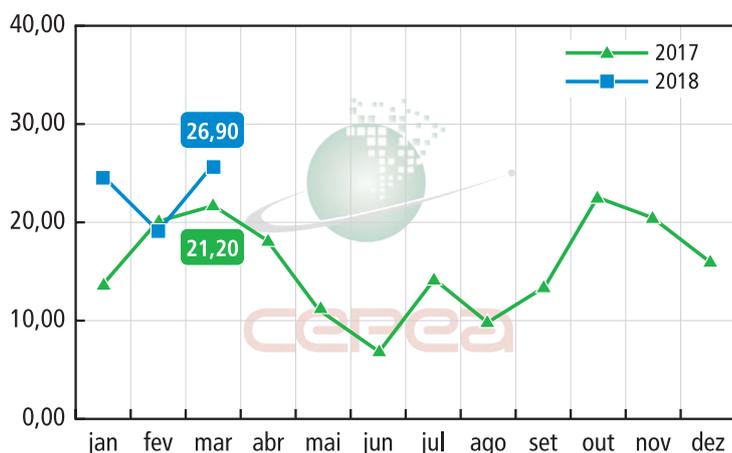
Com melhor rendimento, oferta nacional deve aumentar em abril

Clima favorável pode elevar disponibilidade em MG

A oferta de cenoura deve aumentar em São Gotardo (MG) em abril, devido à expectativa de melhor rendimento das lavouras. Neste mês, as chuvas não devem ser intensas, como registrado em fevereiro e março. As cenouras que foram colhidas nesses meses apresentaram problemas de desenvolvimento nas raízes e reduziram a oferta em São Gotardo. Com a expectativa de avanço na disponibilidade das raízes, produtores mineiros indicam que as cotações devem recuar frente a março, quando a média estava elevada. As cenouras colhidas durante todo o mês passado apresentaram bifurcações, mela, podridão e nematoides, levando a produtividade a recuar 3%, fechando a 58 t/ha. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, as altas temperaturas também diminuíram o rendimento durante o mês, com temperatura máxima de 33°C, segundo o Inmet. Com a menor produtividade das lavouras e a conseqüente menor oferta de raízes, os preços da caixa de 29 kg da cenoura “suja” subiram 37% em março frente a fevereiro, com média de R\$ 27,00, 27% superior à observada no mesmo mês de 2017. Para a cenoura tipo “AAA”, o valor médio foi de R\$ 34,28/cx de 29 kg, avanço de 29% na mesma comparação.

Rendimento pode melhorar em Cristalina

A oferta de cenoura deve ser maior também



Preço se recupera com queda na produtividade

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

na região de Cristalina (GO) em abril. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, assim como em Minas Gerais, as lavouras devem ter melhor rendimento neste mês. A expectativa de condições climáticas mais favoráveis à produção das raízes, com redução das chuvas e temperaturas mais amenas, deve elevar a oferta na região goiana. Diferente do que produtores esperavam para março, a disponibilidade esteve reduzida: problemas relacionados às altas temperaturas e ao intenso regime pluviométrico continuaram causando mela, bifurcações e nematoides nas raízes. O rendimento nas lavouras de Cristalina teve média de 42 t/ha em março, 31% menor que o de fevereiro, quando havia menor produção. A produtividade também ficou próxima da observada em março de 2017, período que também teve descarte elevado. Com a menor produção na praça goiana, o preço da caixa de 29 kg da raiz “suja” subiu 40% em relação ao do segundo mês do ano, com média de R\$ 26,13. A cenoura do tipo “AAA” encerrou o mês a R\$ 33,16/cx de 29 kg, valor 32% superior na mesma comparação.

Produtividade deve se manter satisfatória no PR

A oferta da cenoura em Marilândia do Sul (PR) deve se manter elevada em abril. A região já apresentou bom rendimento no mês passado, devido à colheita de áreas que não foram afetadas por chuvas e altas temperaturas, resultando em aumento de 46% na produtividade frente a fevereiro, a 42 t/ha. Desta forma, a produção paranaense esteve favorável e os descartes se reduziram, aumentando a oferta nacional. De acordo com colaboradores da região paranaense, a qualidade das cenouras colhidas em março foi maior, possibilitando cotações em altos patamares no mercado paranaense. A cenoura do tipo “AAA” se valorizou 9% frente a fevereiro e a média da caixa de 20 kg fechou em R\$ 34,12. Por outro lado, as raízes do tipo “A” e “G” se desvalorizaram, devido à maior oferta no Paraná: a média de comercialização de ambas foi de R\$ 16,81/cx de 20 kg.



Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4





foto: José Francinaldo Lima Alves - Mossoró (RN)

Preços podem seguir em bons patamares em abril

Com chuvas, colheita deve atrasar no Vale do São Francisco

A oferta de melão deve ser moderada em abril no Vale do São Francisco (PE/BA), o que pode manter as cotações em bons patamares. O menor volume da fruta é devido ao atraso da colheita da safra principal na região. O plantio, que normalmente começa em fevereiro, foi adiado devido às chuvas ocorridas no mês. Assim, a colheita pode ser intensificada no final de abril. Produtores que arriscaram plantar durante o período chuvoso, no entanto, já relataram problemas relacionados à qualidade – como podridão, manchas e viroses. Esse cenário limitou a valorização do melão em março, quando o amarelo a granel teve média de R\$ 1,02/kg, 23% superior a fevereiro. Além dos problemas de qualidade, a oferta do Rio Grande do Norte/Ceará atrapalhou as vendas da fruta produzida no Vale aos grandes centros consumidores, que acabou sendo comercializada principalmente no mercado nordestino. Como a área potiguar/cearense durante a entressafra deste ano deve ser menor, a concorrência com a fruta desta região também pode se reduzir, favorecendo os resultados do Vale em abril.

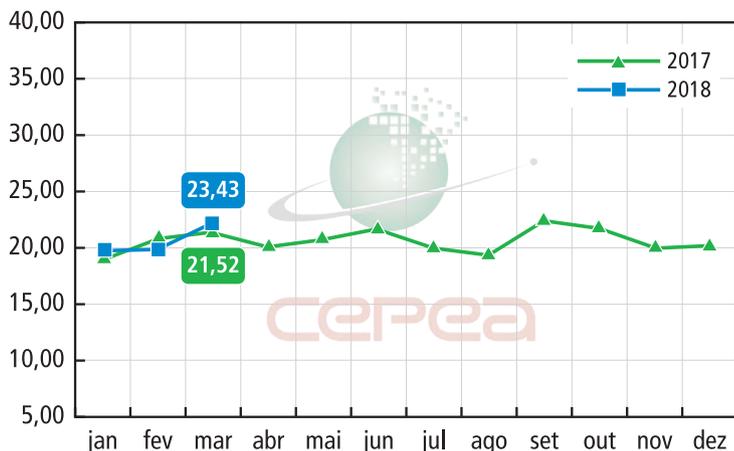
Apesar do menor volume na safra 2017/18, receita com exportação aumenta

A temporada 2017/18 terminou em março no Rio Grande do Norte/Ceará. Com isso, melonicultores já devem começar a planejar a próxima sa-

fra. Segundo produtores, os resultados promissores desta campanha e as chuvas que caíram na região nos últimos meses podem animar a renovação dos plantios. Por enquanto, a expectativa é de área estável na temporada 2018/19. Quanto às exportações brasileiras de melão entre agosto/17 e março/18, totalizaram 224 mil toneladas, apenas 1% abaixo da quantidade embarcada na campanha 2016/17, segundo a Secex. A redução do volume pode estar relacionada à recorrente crise hídrica e à consequente queda na produtividade. Vale lembrar que, apesar de ter chovido no primeiro trimestre de 2018, a crise hídrica nos últimos anos limitou os recursos de irrigação e tornou a água mais salina. Houve relatos, ainda, de que as recentes chuvas prejudicaram os últimos embarques da safra (por conta da queda da qualidade). Por outro lado, o valor recebido com as exportações na campanha 2017/18 foi 10% superior ao da temporada anterior, somando US\$ 163 milhões (FOB) – expectativas de que o dólar permaneça acima de R\$ 3,00 podem continuar animando exportadores.

Safra espanhola chega ao mercado em abril

Durante a entressafra brasileira, o mercado europeu costuma ser atendido pela Espanha, que, apesar de ter perdido recentemente o primeiro lugar no *ranking* mundial de exportação para a Guatemala, continua sendo um dos principais produtores e exportadores de melão do mundo. A colheita na Espanha deve se iniciar em meados de abril e ser finalizada em setembro. A primeira região a ofertar deve ser Almeria, seguida por Murcia e Castilla-La Mancha. No entanto, os investimentos na cultura podem diminuir neste ano, já que a última safra foi considerada pouco rentável aos espanhóis. Houve, ainda, redução de área no país por conta da maior competitividade da melancia no mercado europeu e da entrada de melões de outros países. Além disso, em 2017, houve sobreposição da oferta de diferentes regiões da Espanha (a produção de Castilla-La Mancha se adiantou e coincidiu com a de Murcia).



Assim como esperado, preços sobem no RN/CE

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 no RN/CE - R\$/cx de 13 kg



Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!
19 99128.1144
Saiba mais na página 4





Oferta de niagara pode aumentar em abril

Safr de niagara se encerra em São Miguel e começa no PR

A colheita da uva niagara na região de São Miguel Arcanjo (SP) deve ser finalizada na segunda quinzena de abril, quando se inicia a safra na região de Rosário do Ivaí (PR). Dessa forma, a oferta pode ser consideravelmente elevada no mês, já que boa parte dos produtores da região de Campinas (SP) também estará em plena colheita na segunda metade de abril. Durante os dois primeiros meses de colheita (janeiro e fevereiro) em São Miguel, as cotações da variedade rústica estiveram aquém das expectativas. Os preços reagiram somente em março com a redução da oferta, devido ao intervalo de colheita entre o fim das áreas de “podas normais” e o começo das de “poda verde”. No primeiro trimestre de 2018, a variedade foi comercializada na média de R\$ 2,79/kg em São Miguel Arcanjo. Já em Rosário do Ivaí, após a quebra de safra no fim do ano passado, por conta do período seco no Paraná, produtores esperam que a melhor qualidade do fruto na temporã favoreça as cotações.

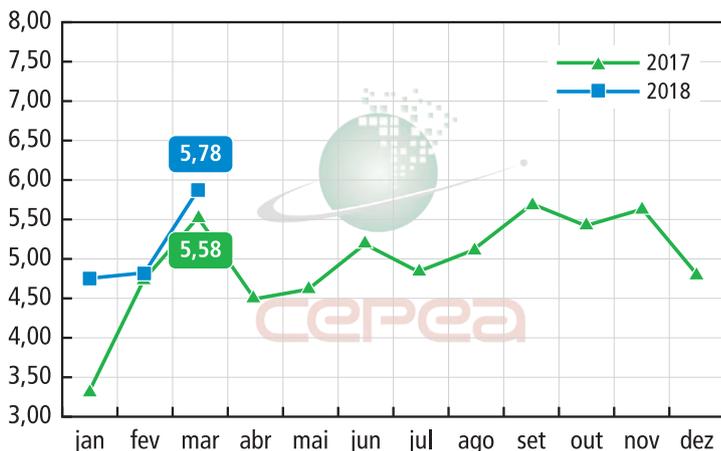
Chuvas afetam produção, mas exportações devem se manter

Produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) estão preocupados com as previsões de chuva para abril, já que o mês marca a intensificação da colheita de uvas sem sementes e, conseqüentemente, das exportações no primeiro semestre. De acordo com o Cptec/Inpe, a maior probabilidade para março,

abril e maio no semiárido do Nordeste é de precipitações dentro da faixa normal climatológica. Especificamente em abril, a climatologia indica quase 100 mm em Petrolina. Já que boa parte da produção deve ser de novas variedades de uvas brancas sem sementes (arra 15 e sugar crisp), que são mais resistentes a chuvas, o volume total não deve ser muito pressionado. Mesmo assim, a qualidade de parte da produção pode ficar aquém do esperado limitando uma alta nas exportações. Assim, o volume exportado no primeiro semestre deve ser semelhante ao mesmo período de 2017. As precipitações excederam a normal climatológica, causando prejuízos na produção, principalmente para as variedades crimson, thompson e itália. Mas, se por um lado as chuvas afetaram a viticultura local, por outro, as cotações estiveram em bons patamares diante da menor oferta. Em fevereiro e março, as uvas brancas sem sementes embaladas foram vendidas por R\$ 7,56/kg, em média. Caso o clima seja favorável em abril, produtores esperam que o volume produzido seja bem distribuído entre o mercado doméstico e o externo, garantindo boas cotações.

Importações devem ser menores em 2018

A partir de abril, as importações brasileiras de uvas frescas devem ser menores, visto que há expectativa de bom volume de produção de uva sem semente no Vale do São Francisco. Dessa forma, importadores se programaram para comprar um menor volume de uvas frescas neste ano. Já no primeiro trimestre, quando grande parte das uvas sem sementes comercializadas nos atacados foi proveniente do exterior, a compra internacional somou 7 mil toneladas, volume 38% menor que o do mesmo período do ano passado, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Outra situação que pode ter contribuído para a diminuição do volume importado foi o fato de que o Chile, que é um dos principais parceiros comerciais do Brasil no período, tem tido um bom desempenho nos envios aos EUA neste ano, segundo o portal *Fresh Plaza*. A alta das vendas chilenas ao país norte-americano se deve à diminuição dos envios da África do Sul.



Preço reage em março com menor oferta

Preços médios da uva niagara recebidos por atacadistas de São Paulo - R\$/kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4

25^a HORTITEC

Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas

20 a 22 de JUNHO de 2018

**Dias 20 e 21 das 9h00 até as 19h00
e dia 22**

**das 9h00 até as 17h00
Holambra-SP**



Organização

RBB
PROMOÇÕES & EVENTOS

Capacitação



Patrocínio



Apoio



Agência de Turismo Oficial



www.hortitec.com.br





Colheita da gala se encerra no Sul

A partir de abril, produtores esperam reação nas cotações da maçã gala, visto que a colheita da variedade terminou em março no Sul do País. A expectativa é positiva, já que, com a saída de pequenos produtores do mercado e o maior volume destinado às exportações, a oferta pode ser menor. No fim da colheita, o mercado se manteve lento por conta da elevada oferta e da concorrência – a participação de pequenos produtores pressionou as cotações, visto que eles não têm câmaras frias para armazenamento prolongado, comercializando, portanto, grande parte do volume rapidamente. Para o calendário de vendas de 2018, a pressão nas cotações foi mantida durante os meses de colheita (fevereiro e março), e a gala Cat 1 calibre 165 na região de Vacaria (RS) teve média de R\$ 33,24/cx de 18 kg no período – esse valor foi, ainda, 29% menor em comparação com o de janeiro.

Negociação da fuji começa de forma lenta

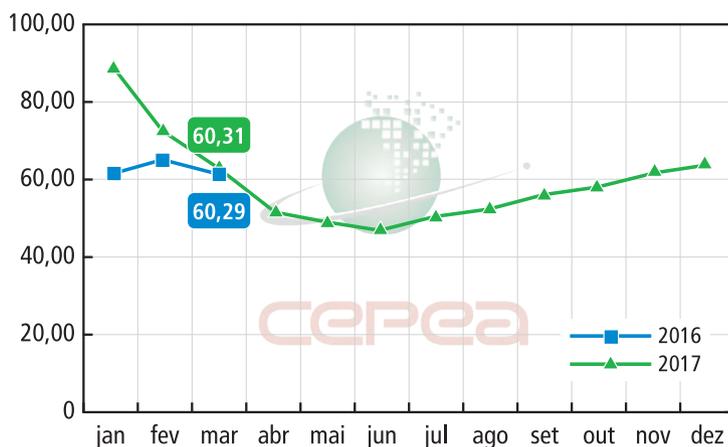
A colheita da maçã fuji da safra 2017/18 se iniciou em março nas regiões produtoras e deve ser intensificada em abril. Agentes afirmam que a qualidade da fruta colhida é bastante satisfatória, o que pode facilitar as vendas neste ano. A maior parte das maçãs da safra 2017/18, no entanto, se concentra em calibres médio e miúdos – de 120 a 135 – devido à falta de chuvas. Esse cená-

rio é semelhante ao observado para a gala nesta temporada. Em um primeiro momento, produtores estão optando por armazenar a fuji, já que esta variedade tem apresentado boa resistência à estocagem. Dessa forma, em abril, o mercado deve se concentrar ainda na comercialização da gala. De acordo com levantamentos do Hortifruti/Cepea, a média da fuji graúda Cat 1 foi de R\$ 69,83/cx de 18 kg no primeiro mês da colheita (março) na região de São Joaquim (SC), 16% superior à do mesmo período de 2017.

Exportações se aquecem em abril

As vendas brasileiras de maçã ao mercado internacional devem ser intensificadas em abril – os envios começaram em fevereiro e ganharam ritmo em março. No entanto, produtores ainda priorizam as vendas domésticas, uma vez que parte dos compradores internacionais exige frutas graúdas – cujo volume é menor na safra 2017/18 – e que estão valorizadas no mercado interno. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, o aumento das negociações nesses meses se deve à maior quantidade de frutas no Brasil. O principal comprador do produto nacional em fevereiro e março foi Bangladesh, com 40% do total exportado pelo Brasil, de acordo com a Secex. Vale ressaltar que produtores devem elevar suas vendas para a Índia neste ano, visto que o país alterou legislações quanto ao controle de pragas e tratamento a frio, abrindo as negociações com o Brasil, de acordo com a Associação Brasileira de Produtores de Maçã (ABPM). Na parcial da campanha de exportações (de fevereiro a março), foram embarcadas 21 mil toneladas, volume 88% superior ao do mesmo período do ano passado, segundo dados da Secex. Em receita, as exportações somaram US\$ 15 milhões (FOB), alta de 81% na mesma comparação. Com a redução de 49% nos gastos com as importações e alta nos envios no primeiro trimestre, a balança comercial brasileira para o mercado de maçãs já encerrou março em US\$ 3,5 milhões positivos.

Preços da gala podem começar a reagir em abril



Gala se desvaloriza com oferta elevada

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 - 110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4



Safra de Livramento ganha espaço em abril

Oferta deve ser equilibrada neste mês

A safra de manga de Livramento de Nossa Senhora (BA), que começou no final de março, deve ganhar espaço no mercado nacional neste mês. Com o encerramento da colheita em São Paulo, as frutas baianas começam a ter maior participação nas vendas, inclusive nos envios à Ceagesp. Em abril, a manga da Bahia concorre com as variedades palmer e tommy do Vale do São Francisco (PE/BA) e com a palmer do Norte de Minas Gerais. Apesar da oferta dessas regiões, a quantidade de manga disponível não deve ser muito elevada, já que a praça de Petrolina/Juazeiro (PE/BA) oferta muito menos manga no primeiro semestre do que no segundo, e a produção de Jaíba/Janaúba (MG) deve ser bem escalonada ao longo da safra, sem apresentar picos. Além disso, a produtividade dos pomares de Livramento tende a ser baixa novamente, devido à falta de água na região. Outro fator que pode contribuir para o equilíbrio da oferta é a exportação para a Europa, visto que a safra do Peru está praticamente encerrada, abrindo espaço para a fruta brasileira. Quanto aos preços, os patamares observados até março eram bem inferiores aos do mesmo período de 2017, o que não agradou mangicultores.

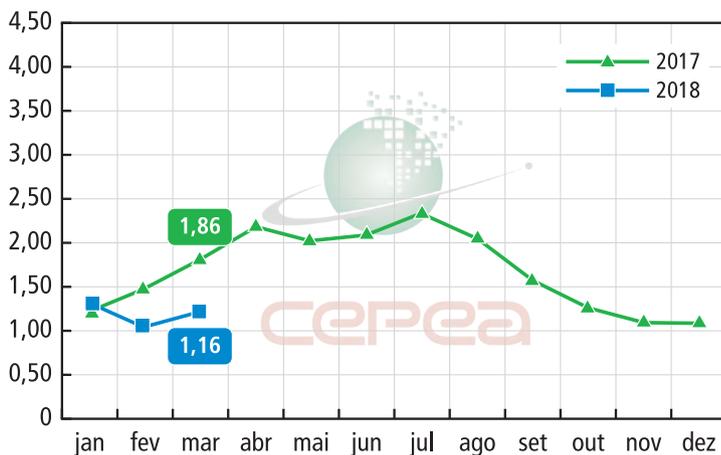
Bacteriose torna indústria boa opção para mangicultores de SP

A colheita de manga foi encerrada em março em Monte Alto/Taquaritinga (SP) com os últimos vo-

lumes de palmer. Apesar de normalmente a venda ao segmento *in natura* ser o objetivo, alguns produtores da região priorizaram os envios à indústria nesta temporada, visto que as exigências quanto à qualidade das frutas para processamento são menores – com os graves problemas fitossanitários observados em algumas propriedades, os custos de produção têm se elevado significativamente. Além disso, em muitos casos, a rentabilidade da manga não foi suficiente para cobrir os gastos com a cultura. Na safra 2017/18 (novembro/17 a março/18), por exemplo, o preço da manga palmer no mercado de mesa ficou na casa dos R\$ 0,79/kg, muitas vezes abaixo do custo de produção daqueles produtores que investiram na cultura. Já na indústria, o valor pago pela variedade teve média de R\$ 0,37/kg no mesmo período, enquanto o custo de produção dos mangicultores que não investiram era de cerca de R\$ 0,15/kg.

Inverno rigoroso na Europa diminui ritmo de exportação

As exportações brasileiras de manga para a União Europeia estão mais calmas neste ano, totalizando 22,4 mil toneladas no primeiro trimestre – volume 17% menor que o embarcado no mesmo período do ano passado, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). O atraso no encerramento da safra do Peru elevou o volume disponível ao mercado europeu, prejudicando as vendas da manga nacional. Além disso, o inverno rigoroso no Hemisfério Norte enfraqueceu a demanda do bloco por frutas. Com a finalização da safra peruana, o volume exportado pelo Brasil, assim como os preços, tende a se recuperar, mas de forma pouca expressiva, segundo exportadores consultados pelo Hortifruti/Cepea. Isso porque outros países devem iniciar a temporada de exportações à União Europeia, sendo que muitos deles possuem benefícios com relação às tarifas de exportação à Europa, como é o caso da Costa do Marfim. Além disso, há certa apreensão quanto à qualidade das frutas brasileiras, principalmente por conta de focos de antracnose, resultado das chuvas frequentes no Vale do São Francisco.



Preço segue firme com oferta equilibrada

Preços médios recebidos por produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) pela palmer - R\$/kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4



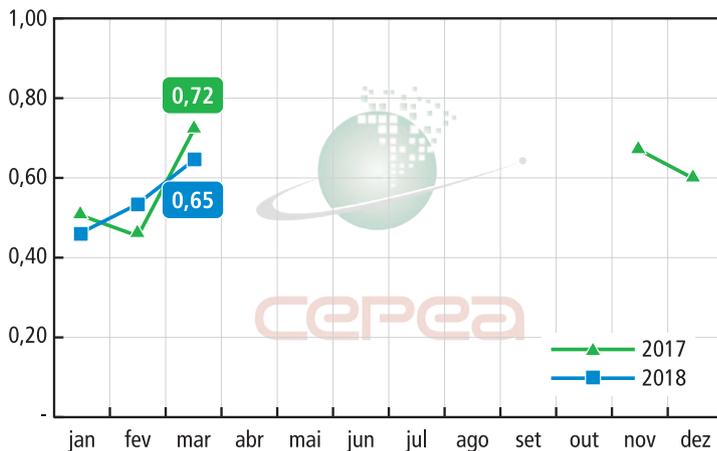
Exportação bate recorde na safra 2017/18

Exportação finaliza com bons resultados

O período de envios de minimelancias à União Europeia chegou ao fim em março, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. No geral, a temporada foi considerada satisfatória, já que produtores tiveram boa rentabilidade com a cultura e o volume enviado novamente bateu recorde. Segundo a Secex, na safra 2017/18 (agosto/17 a março/18), foram enviadas 71,3 mil toneladas da fruta, volume 1% superior ao de 2016/17. Quanto à receita, registrou alta de 9,6%, chegando a US\$ 36,3 mil no período. Apesar dos bons resultados, a salinidade das águas no Rio Grande do Norte/Ceará, principal região exportadora, impactou a produtividade de algumas lavouras; porém, a qualidade das frutas foi mantida. As perspectivas para 2018/19 é que melancultores continuem focados no mercado externo com a crescente demanda dos últimos anos. Contudo, a área plantada só deverá ser definida em maio, quando são fechados os contratos de comercialização.

Primeiras frutas devem ser colhidas neste mês em GO

O plantio de melancias em Uruana (GO), que atingiu pico em março, segue com bom andamento. Atualmente, há lavouras em diferentes fases de desenvolvimento na região e a colheita das primeiras frutas está prevista para abril, devendo seguir até novembro. Quanto ao clima, as chuvas, contribuíram para um bom desenvolvimento



Menor área plantada valoriza melancia no RS

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) no Rio Grande do Sul - R\$/kg

Fonte: Cepea

das lavouras e para a diminuição da necessidade de irrigação nos primeiros meses de cultivo. Além disso, problemas fitossanitários têm sido controlados. Ainda que a rentabilidade tenha sido satisfatória, casos de inadimplência e os longos prazos de pagamento têm desmotivado alguns produtores locais. O plantio na região deve seguir até agosto, com intensificação em junho e julho.

Colheita da safrinha paulista segue firme

A oferta de melancias em São Paulo deve seguir firme neste mês. A colheita foi iniciada no começo de março em Marília/Oscar Bressane, apesar de algumas poucas roças de Itápolis terem sido adiantadas. Em abril, melancultores das três praças paulistas (Marília/Oscar Bressane, Itápolis e Presidente Prudente) devem colher na primeira quinzena do mês, mas, na segunda, a safra já se encerra em Marília e Oscar Bressane. Por enquanto, produtores apontam boa produtividade, devido ao clima quente e úmido. Quanto aos preços, a média de março foi de R\$ 0,61/kg para a melancia graúda (>12 kg), valor 24% inferior ao primeiro mês (fevereiro) da safrinha 2017.

Safra gaúcha chega ao fim com menores margens

Com a finalização da colheita em Bagé (RS), a safra gaúcha de melancias foi finalizada em março. A temporada, que começou em dezembro, foi considerada regular pelos produtores locais, devido, principalmente, à falta de chuvas em Encruzilhada do Sul e Bagé (RS) no período de enchimento, o que impactou a produtividade, elevou os gastos com irrigação e limitou os resultados. Além disso, os preços nesta safra foram inferiores aos da passada, pressionando as margens dos melancultores. Na safra 2017/18 (dezembro/17 a março/18) a cotação média da melancia graúda (>12 kg) foi de R\$ 0,55/kg, valor 12% superior a 2016/17, e 48% acima dos custos. Atualmente, os melhores ânimos são de produtores de Arroio dos Ratos (RS), que obtiveram maior produtividade, devido às condições climáticas mais favoráveis.



Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!
19 99128.1144
Saiba mais na página 4

Experimente a melancia dos sonhos e deixe seu dia muito mais doce.



Prove e surpreenda-se.

syngenta®



Safra 2018/19 ganha ritmo em SP

Disponibilidade de precoces aumenta em abril

A colheita de laranjas precoces da safra 2018/19 está se intensificando no estado de São Paulo. Embora a atividade tenha se iniciado na última semana de fevereiro, a oferta das “bocas de safra” esteve limitada em março, devido ao número reduzido de frutas com qualidade e maturação satisfatórias para comercialização no mercado de mesa. Apesar do clima desfavorável no segundo semestre do ano passado, período de desenvolvimento das floradas, pequenos volumes desta safra começaram a ser colhidos e ofertados no mercado *in natura* no mesmo mês da temporada anterior. Isso porque, conforme citricultores consultados pelo Hortifruti/Cepea, o pagamento das precoces esteve satisfatório na maioria das regiões. Em março, a hamlin da nova safra foi negociada a R\$ 22,18/cx de 40,8 kg, na árvore.

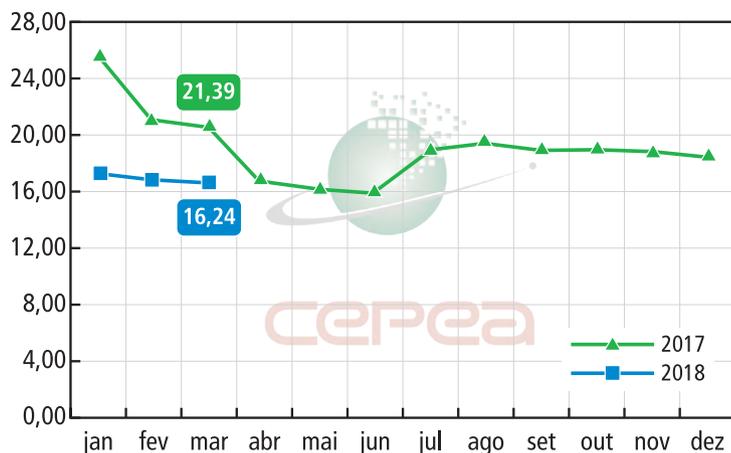
Produtores aguardam início da moagem de precoces

Com o avanço da maturação das laranjas precoces, citricultores consultados pelo Hortifruti/Cepea aguardam a autorização das indústrias paulistas para iniciar a colheita das frutas desta temporada, seja para contratos pré-fixados ou para o mercado *spot*. Porém, as processadoras ainda não têm previsão para o início das operações – segundo agentes, a moagem deve ser mais expressiva apenas a partir de junho. Até o final de março, apenas duas unidades das grandes indústrias (em Arara-

quara e Bebedouro) continuavam operando, com valores no *spot* ao redor de R\$ 15,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta na processadora. Já nas pequenas indústrias, os preços podem chegar a R\$ 20,00/cx de 40,8 kg. No caso das frutas precoces da nova safra, as remunerações no *spot* ainda não foram definidas. Os contratos antecipados, negociados a partir de novembro/17, estiveram entre R\$ 20,00 e R\$ 22,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta na fábrica, podendo contar com adicional de participação no preço de venda do suco no mercado internacional. A adesão por parte de produtores, contudo, esteve mais limitada neste ano, tanto devido à expectativa de aumento dos preços, fundamentos em uma possível menor safra em 2018/19, quanto pelos contratos de longo prazo efetuados na temporada anterior (2017/18), em que parte da produção desta temporada já estaria comprometida.

Tahiti de segunda florada chega ao mercado

A oferta de lima ácida tahiti pode aumentar novamente em abril, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. Embora o pico de safra já tenha sido finalizado – e apesar da redução do ritmo de colheita no mês passado, devido ao estágio de maturação no período, que permitia a permanência dos frutos nos pés –, a colheita da tahiti proveniente de uma segunda florada tem elevado o volume disponível no mercado *in natura* desde o final de março. Porém, segundo agentes, o volume desta segunda produção não deve ser superior ao do período de pico de safra, ainda que possa ser mais elevado que o observado no encerramento do mês passado, visto que o desenvolvimento foi satisfatório, favorecido pelo clima úmido nos primeiros meses do ano. Em abril, portanto, a maior disponibilidade da fruta pode pressionar as cotações – caso a demanda industrial, intensa no primeiro trimestre, comece a se desacelerar. Em março, vale lembrar, a forte absorção da indústria ajudou a controlar a oferta no mercado de mesa, sustentando os preços. No mês passado, o valor médio da tahiti foi de R\$ 13,86/cx de 27 kg, colhida, aumento de 2,7% em relação à de fevereiro.



Preço na indústria segue abaixo de 2017

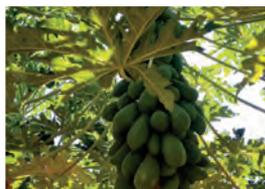
Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera e tardias - R\$/cx de 40,8 kg, colhida e posta na indústria

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4



Formosa limita maiores preços para havaí

Cotações do formosa e havaí devem seguir elevadas em abril

Os preços do mamão devem continuar elevados em abril nas principais regiões produtoras, devido à oferta moderada da fruta. Em março, as cotações aumentaram, por causa dos menores volumes disponíveis de formosa e, principalmente, de havaí. Contudo, maiores valorizações para esta variedade foram limitadas pela forte concorrência com o formosa, que ainda estava com disponibilidade superior e menores preços no início do mês – cenário que fez com que consumidores optassem pela fruta mais barata. Com isso, o havaí foi comercializado a R\$ 3,34/kg no Sul da Bahia, valor 243% acima do mês anterior. Já o formosa foi vendido a R\$ 1,18/kg no Espírito Santo, alta de 306% na mesma comparação.

Apesar de benéfica, chuva também traz doenças às lavouras

As chuvas têm sido mais frequentes nas regiões produtoras de mamão neste ano, principalmente nos dois últimos meses. Em fevereiro e março, as precipitações superaram a normal climatológica na maioria das praças acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. Com isso, o volume de reservatórios e lençóis freáticos melhorou, servindo de alento aos produtores, que vinham sofrendo com os entraves da seca nos últimos anos. Porém, a maior umidade também estimulou o aparecimento de doenças fúngicas e viroses nas lavouras, limitando a produtividade e a qualidade da fruta – em especial nas

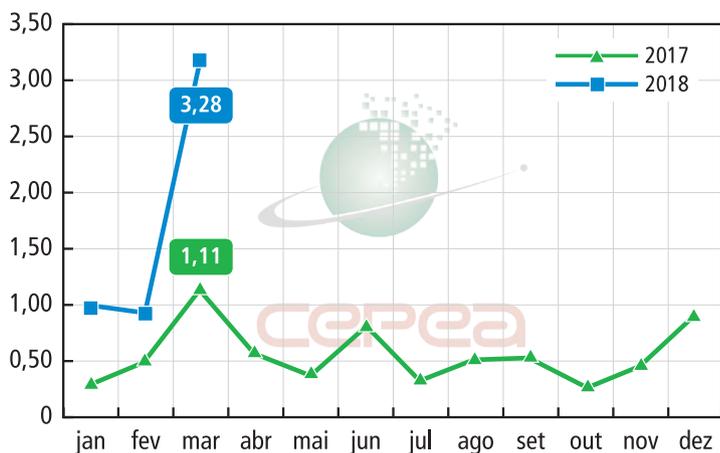
praças com menores investimentos (resultados dos baixos preços do ano passado). No Rio Grande do Norte, por exemplo, houve relatos de que a meleira e o mosaico voltaram a prejudicar a cultura, sendo necessário a prática do *roguing* para ambas as variedades cultivadas na região.

Rentabilidade do havaí é positiva em 2018

Ao contrário do ano passado, a rentabilidade unitária do mamão havaí tem sido positiva em 2018, resultado da menor área com a variedade. Com isso, a disponibilidade da fruta diminuiu, estimulando melhores cotações. No primeiro trimestre, por exemplo, o havaí foi negociado em média a R\$ 1,74/kg, valor 168% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Contudo, maiores margens foram impedidas pela oferta elevada de formosa, comercialização fraca (principalmente nas férias) e restrita qualidade em alguns períodos (os investimentos em relação à manutenção de qualidade também foram limitados). Segundo produtores, os retornos têm sido positivos, porém a baixa produtividade pode limitar os ganhos, principalmente neste primeiro semestre.

Envios ao exterior devem seguir lentos em abril

As exportações de mamão devem seguir lentas em abril, devido à menor disponibilidade de frutas brasileiras. Em janeiro, o cenário foi de poucos envios para a variedade havaí, que se encontrava com volume moderado devido às menores áreas produtivas. Já em fevereiro e março, exportadores tiveram dificuldades em atender pedidos do mercado externo, por conta da menor qualidade da fruta, influenciada pelas chuvas significativas e pelos menores investimentos por parte de produtores. Em março, ainda, o volume de ambas as variedades diminuiu consideravelmente nas roças brasileiras, pressionando os embarques. Com isso, no primeiro trimestre, foram enviadas apenas 5,7 mil toneladas de mamão, 50% inferior frente ao mesmo período no ano passado.



Preço mais que dobra nas regiões produtoras

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão havaí, em R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!

19 99128.1144

Saiba mais na página 4



foto: Thiago Fred Bihir - Jaguará do Sul (SC)

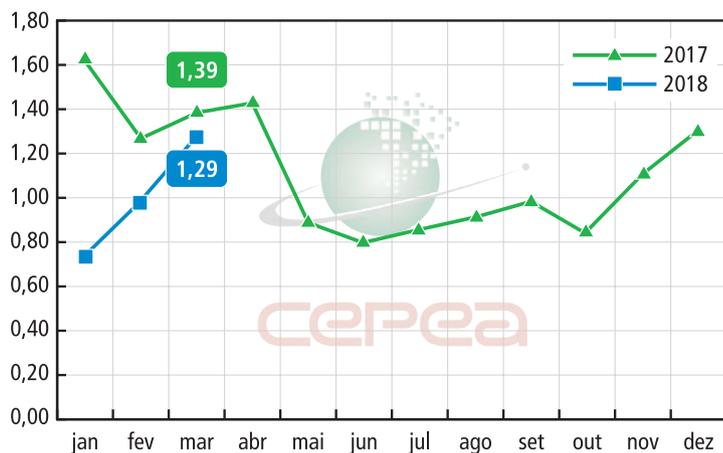
Cotações da nanica podem seguir em queda até julho

Início de corte de cachos de nanica em SP pressiona valores

A colheita de maiores volumes de banana nanica na região do Vale do Ribeira (SP) se iniciou na última semana de março, e deve se estender até julho. Com maior ritmo no corte dos cachos na praça paulista, as cotações da variedade podem recuar, uma vez que esta é a maior região produtora de nanica em escala comercial do País. A extensa área, a intensificação dos tratamentos culturais e a tecnificação de alguns bananais em 2017 elevaram a produção neste ano. Além disso, segundo bananicultores da região, a expectativa é de frutas com alto padrão de qualidade. Por outro lado, entre fevereiro e a primeira quinzena de março houve escassez de nanica, e a produção não foi suficiente para suprir a alta demanda. Naquele período, os preços da variedade aumentaram, com média de R\$ 1,15/kg no Vale. Já na segunda quinzena de março, o preço médio recuou 7%, a R\$ 1,07/kg.

Chuva anima produtores da BA

O bom volume de chuvas em Bom Jesus da Lapa (BA) entre fevereiro e março animou bananicultores da região, que têm expectativa de boas produtividades e qualidade da fruta nos próximos meses. Isso porque a escassez hídrica dos últimos três anos comprometeu o volume produzido em até 30%, e ainda refletiu na produtividade no início deste ano. De janeiro a março, a produtividade da prata na região esteve 19,6% abaixo da do primeiro trimestre



tre de 2017, segundo levantamento do Hortifruti/Cepea junto a produtores baianos. Com o retorno das chuvas, colaboradores relataram o uso menos intensivo ou até mesmo o desligamento do sistema de irrigação em alguns períodos, utilizado apenas para a fertirrigação ou para complementar o volume de água, que entre fevereiro e março totalizou 271,6 mm, segundo o Inmet – volume 34% superior à normal climatológica de Bom Jesus da Lapa no período. Apesar do cenário positivo neste início de ano, a possibilidade de um novo *El Niño* no segundo semestre preocupa produtores no Nordeste.

Concorrência com o Paraguai se intensifica nos envios à Argentina

As exportações de banana do norte de Santa Catarina podem se reduzir em abril em comparação com o mês anterior. Os preços da fruta brasileira estão com baixa competitividade no mercado externo, sendo mais elevados que os de outros países produtores. O Paraguai, um dos principais concorrentes nos envios ao Mercosul, tem intensificado as vendas para a Argentina, negociando, em média, 15 carregamentos de 1.050 caixas semanalmente, segundo notícia veiculada pelo *Fresh Plaza*. A oferta de bananas no Paraguai aumentou notavelmente entre fevereiro e março, principalmente pelo clima favorável à cultura no período. O maior volume possibilitou o escoamento de ao mercado externo, sobretudo à Argentina e ao Uruguai. Para a região paraguaia de Tembiaporã, a expectativa é de oferta ainda maior depois da Páscoa, quando os preços podem se reduzir e, assim, tornar o cenário mais favorável para o Paraguai nos envios internacionais. Neste cenário, a maior entrada da banana paraguaia a países do Mercosul pode ter impacto negativo nas exportações brasileiras, visto que ambos os países destinam a fruta aos mesmos mercados. De janeiro a março, o Brasil embarcou 15,3 mil toneladas de banana, com receita de US\$ (FOB) 4,6 milhões, altas de 170% e 142%, respectivamente, frente ao primeiro trimestre de 2017, segundo dados da Secex.

Preço da nanica é firme com oferta moderada

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea

Cadastre nosso número, mande #LISTAHF e receba nossos vídeos pelo WhatsApp!
19 99128.1144
Saiba mais na página 4



ENTREVISTA: Marcelo Zanetti

“A BUSCA DOS CONSUMIDORES POR OPÇÕES SAUDÁVEIS TEM IMPULSIONADO O AUMENTO NAS VENDAS DE ÁGUA DE COCO”

Marcelo Zanetti é diretor de Agro da PepsiCo Brasil. Graduado em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal de São Carlos, fez mestrado em Produção de Vegetais pela Unesp e pós-graduação em Finanças e Negócios pelo Instituto Tecnológico de Monterrey (México). Iniciou sua carreira na PepsiCo em 2011, onde alcançou resultados relevantes nas funções de agro, compras, supply e manufatura, consolidando a função de operações para a Kero Coco.

Hortifruti Brasil: Como a indústria brasileira enxerga o mercado de coco?

Marcelo Zanetti: A água de coco se popularizou com a venda em caixinhas e a região Sudeste é o principal mercado da bebida e o estado de São Paulo lidera o consumo. A PepsiCo entende que é um mercado importante e que a busca dos consumidores por opções saudáveis tem impulsionado o aumento nas vendas de água de coco. Uma prova desse crescimento é que, em outubro do ano passado, a companhia iniciou sua expansão na América Latina, introduzindo a Kero Coco no Panamá, Colômbia e Costa Rica. Com isso, a PepsiCo expande seu campo de atuação, com o objetivo de popularizar o produto brasileiro no continente, oferecendo opções mais saudáveis e atendendo ao crescente interesse dos consumidores em saúde e bem-estar.

HF Brasil: Qual o interesse da comercialização dos produtos derivados de coco, em especial, a água de coco?

Zanetti: Em 2006, a PepsiCo estabeleceu sua visão de Performance com Propósito, que norteia as operações da companhia em todo o mundo. Os objetivos do pilar de produtos incluem reduções de sódio, açúcar e gordura dos nossos produtos. O coco verde do Brasil é diferente dos outros produzidos em todo o mundo, pois os daqui têm água em maior abundância. Sua casca pode ser aproveitada como biofertilizante, que é usado nas fazendas de coco que fornecem a matéria-prima para a PepsiCo. As regiões de Petrolina (PE) e São Matheus (ES), onde estão localizadas as duas fábricas de Kero Coco, têm clima e solo considerados ideais para o plantio do coqueiro-anão, de onde extraímos os frutos que dão origem à nossa água de coco. Graças à utilização de práticas de irrigação, podemos controlar a exata quantidade de água que cada um dos nossos coqueiros recebe. Este controle nos permite cultivar frutos com doçura e sabor incomparáveis.

HF Brasil: Quais os principais desafios e oportunidades em se trabalhar com esta cultura?

Zanetti: Crescer de forma sustentável. Para isso, temos focado nossos esforços nas mudanças climáticas, na escassez de água, nas embalagens e nos resíduos. A agricultura sustentável é um dos principais focos para ajudar a proteger nossa cadeia de fornecimento. Com o programa agrícola de coco, a empresa está promovendo a agricultura local e incentivando todos os elos da cadeia de produção a usar cada vez mais tecnologia em suas atividades.

HF Brasil: Qual a importância da integração entre a indústria e o produtor?

Zanetti: Acreditamos e investimos nessa integração como forma de promover uma agricultura sustentável, protegendo nossa cadeia de fornecimento. A PepsiCo incentiva os produtores parceiros a reduzir os impactos ambientais e sociais, mantendo a viabilidade econômica nas fazendas. Os fornecedores são orientados sobre práticas sustentáveis e recebem recursos, treinamento e suporte para atender ao nosso padrão nos três pilares da sustentabilidade: social, econômico e ambiental.

HF Brasil: Como o produtor brasileiro poderia se adequar para atender a demanda da indústria?

Zanetti: O produtor tem que estar preocupado com a qualidade do produto e com a forma como o cultiva. Outro aspecto extremamente importante é que toda a cadeia esteja adequada aos nossos valores e à nossa estratégia de Performance com Propósito. Os frutos plantados e colhidos na Fazenda Kero Coco e nas dos produtores parceiros têm um alto padrão de qualidade. Hoje, temos cerca de 100 produtores locais que são treinados e supervisionados para entregar frutos dentro do alto padrão de qualidade exigido pela companhia. O produtor parceiro precisa atender aos padrões de excelência e de qualidade exigidos pela companhia, para plantar e colher frutos que atendam às expectativas dos nossos consumidores. Para isso, oferecemos constantes treinamentos, além de acompanhar de perto o processo de produção dos frutos em visitas constantes realizadas nestas propriedades. ■

Portfólio HF

Carregado de soluções para múltiplas culturas em hortifrúti.



☎ 0800 0192 500
 facebook.com/BASF.AgroBrasil
 www.agro.basf.com.br

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições no Estado do Paraná: Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate, Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Dormex® nº 1095, Collis® nº 01804, Forum® nº 01395, Pirate® nº 05898, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Cantus® nº 07503, Fastac® 100 nº 2793, Herbadox® 400 EC nº 15907, Orkestra™SC nº 08813 e Tutor® nº 02908.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e produtividade da sua lavoura.

Fungicidas	Orkestra™SC*	Inseticidas	Pirate®
	Cabrio® Top*		Regent® Duo
	Cantus®*		Nomolt® 150
	Forum®		Fastac® 100
	Collis®		
	Tutor®		
Herbicidas	Heat®	Regulador de Crescimento	Dormex®
	Herbadox® 400 EC		

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.

BASF
 We create chemistry

LANÇAMENTO

**DESEMPENHO
NO CAMPO, QUALIDADE
NA SUA MESA.**



Novo Tomate Salada
DUCATTO F1

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXY
Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Novo Tomate Salada

DUCATTO F1

- Resistência ao TSWV (vira-cabeça), nematoides e stemphylium
- Ótima sanidade foliar e vigor de planta
- Alta qualidade de fruto.



10 ANOS

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

19 3514-7330

www.agristar.com.br



CURTA NOSSAS REDES SOCIAIS
AGRISTAR DO BRASIL

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil